

Atitudes Linguísticas dos Informantes do Interior da Bahia por meio da Análise de Dados do ALiB

Juliana MORATTO*
Antônio Luiz GUBERT**

* Mestre em Ensino pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Doutoranda em Estudos da Linguagem (UEL). juliana.moratto@uel.br.

** Mestre e Doutor em Letras – Linguística, com estágio de Pós-doutorado em Estudos da Linguagem (UEL). antonio.gubert@ifsc.edu.br.

Resumo:

Buscamos neste artigo descrever as percepções e atitudes linguísticas dos informantes da Região Nordeste, utilizando os dados (inéditos) coletados pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Referimo-nos, especificamente, à análise dos registros de 84 falantes distribuídos por 21 localidades do Estado da Bahia, por intermédio das questões 4 e 5 das perguntas metalinguísticas (Cardoso *et al.*, 2013) que incentivam a percepção dos falantes sobre as demais variedades do país. A amostra está constituída pelas respostas de quatro informantes de cada localidade, distribuídos uniformemente entre os sexos feminino e masculino e entre duas faixas etárias I (18 a 30 anos) e II (50 a 65 anos), além da escolaridade restrita ao Ensino Fundamental, completo ou não. Fundamentamos nas teorias sobre atitudes linguísticas (Lambert; Lambert, 1972) e nos preceitos da Sociologia Variacionista (Labov, 2008 [1972]; López Morales, 2015 [1993]; Moreno Fernández, 2009 [1998]). Os resultados apontam a pluralidade de comportamentos linguísticos, ora atitudes positivas, ora negativas, sobre o falar de outrem e do próprio falar, com predomínio destas últimas.

Palavras-chave: Sociolinguística; atitudes linguísticas; Bahia; ALiB.

Atitudes Linguísticas dos Informantes do Interior da Bahia por meio da Análise de Dados do ALiB

Juliana Moratto
Antônio Luiz Gubert

INTRODUÇÃO

Atualmente as pesquisas dialetológicas, relacionadas à Língua Portuguesa falada no Brasil, também estão se preocupando com as percepções e atitudes linguísticas manifestadas pelos informantes, de tal forma que estão incluindo, no instrumento de coleta de dados, questões relacionadas ao conhecimento que os falantes, não especialistas em linguística, têm sobre a língua que falam e sobre as variedades locais ou de outras localidades, estados e regiões do país.

Assim procedeu o Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), criado em 1996 com o objetivo geral de fornecer dados empíricos do português falado, sistematicamente recolhidos e analisados, possibilitando aos estudiosos:

descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística (COMITÊ NACIONAL, 2001, p. vii).

Para complementar a coleta de dados fonéticos, lexicais e morfossintáticos, foram incluídas seis Questões Metalinguísticas ao final do questionário (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p. 46), inspiradas nas contribuições dos psicólogos sociais Lambert e Lambert (1972) e nas reflexões de Labov (2008 [1972]), López Morales (2015 [1993]) e Moreno Fernández (2009 [1998]) sobre atitudes linguísticas.

Este artigo desenvolve-se a partir da oitiva e análise do corpus inédito disponibilizado pelo ALiB, em especial às falas que permitem apreciar e avaliar as percepções e atitudes linguísticas dos informantes do interior do Estado da Bahia. Trata-se de duas das seis questões metalinguísticas propostas pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001). São elas: 4. Em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de _____ ? e; 5. Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares?

Com as respostas, buscamos compreender como o falante entende e descreve a linguagem por meio da linguagem, quais são suas percepções, o seu nível de consciência linguística e sociolinguística, a sua capacidade de aceitar ou rejeitar as diferenças da fala do outro. Dessa forma, propomos os seguintes objetivos: (i) conhecer o que os informantes, naturais de 21 localidades do interior do Estado da Bahia, pensam sobre outros falares e (ii) discutir as atitudes linguísticas e sociolinguísticas desses falantes conforme os registros do corpus.

Para a elaboração deste artigo, recorreu-se aos aspectos geo-sócio-históricos da Região Nordeste, especificamente dos fluxos migratórios dos últimos 50 anos que foram importantes para o desenvolvimento do Estado da Bahia. Tal resgate é pertinente para a compreensão da miscigenação de culturas, povos e línguas da região que, certamente, são refletidas na fala local e nas atitudes manifestadas acerca do próprio dialeto e dos dialetos das demais regiões do país.

As percepções dos informantes permitem apreciar o entendimento que eles têm da língua e, também, como avaliam o modo de falar dos outros usuários do Português com base em suas experiências de vida, seus contextos sociais e seus julgamentos populares de não-linguistas.

FUNDAMENTAÇÃO

O estudo das Questões Metalinguísticas 4 e 5 do ALiB foi norteado por trabalhos realizados pelos psicólogos sociais Lambert e Lambert (1972) e dos sociolinguistas Labov (2008 [1972]), López Morales (2015 [1993]), Moreno Fernández (2009 [1998]), García Mouton (2000) e Blanco Canales (2004).

Inicialmente, porém, cumpre delimitar os principais conceitos que embasam este estudo, dentre eles: dialeto, variedade, falar, variação, variável, atitude, prestígio.

Trudgill e Campoy (2007) consideram dialeto uma variedade regional ou social de uma língua, que se diferencia de outras por características específicas de gramática, fonologia e léxico e pode ser associada a uma pronúncia geográfica ou social diferente. Os autores, ao conceituarem dialeto, remetem ao verbete variedade, tomado na mesma acepção daquele. Tarallo (2006, p. 88) entende por variante o conjunto de formas linguísticas que compõem uma variável. Segundo o autor, as variantes podem ser: padrão, não-padrão, conservadora, inovadora, estigmatizada e de prestígio.

O Dicionário Houaiss traz uma assepsia de valor linguístico sobre o termo variação: conjunto das diferenças de realização linguística (falada ou escrita), decorrentes do fato de o sistema linguístico não ser unitário, com eixos de diferenciação: estilístico, regional, sociocultural, ocupacional e etário. Destaca ainda, que essa prática ocorre em todos os níveis do sistema linguístico: fonético, fonológico, morfológico, sintático e lexical. A variação é entendida por Trudgill e Campoy (2007) como a unidade linguística conhecida por seu comportamento em uso social.

A partir dos conceitos anteriores, a atitude aparece como reação a um comportamento linguístico, assim definida pelos psicólogos sociais Lambert e Lambert (1972, p. 28):

“[...] a maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir.”

Como visto, as atitudes são fruto de um pensamento, um sentimento sobre algo ou alguém e carregam em si características sociais as quais, nem sempre, o próprio falante percebe. Para López Morales (2015 [1993]), a definição de atitude está dominada pela característica conativa, que separa o conceito de atitude de crença. Por isso, a consciência linguística propicia a escolha de uma variante em relação a outras, com reflexos diretos em sua conduta social. Por consequência, é comum esperar atitudes como: lealdade e deslealdade, prestígio ou desprestígio, estereótipos e estigmas, preconceito, entre outras, principalmente em relação à fala do outro.

Uma das atitudes frequentemente estudada é o prestígio linguístico. O prestígio refere-se ao comportamento motivado pelas atitudes sociais adotadas frente a determinadas formas: refere-se ao respeito (status) que adquirem algumas variedades dialetais, pronúncias, inclusive características linguísticas determinadas como consequência de uma reputação totalmente subjetiva, e com frequência ocasional. Para Moreno Fernández (2009 [1998]), o prestígio pode ser definido como um processo de concessão de estima e respeito a indivíduos ou grupos que atendem a determinadas características e que leva à imitação dos comportamentos e crenças desses indivíduos ou grupos.

Vários estudiosos europeus se debruçaram sobre o tema das crenças e atitudes. Uma delas é García Mouton (2000), que dedicou parte de seu trabalho à investigação da fala das mulheres, ou seja, como elas falam e o que as motiva a falar como falam. Buscou entender se homens e mulheres usam a língua da mesma forma, os motivos que os levam a ter essa conduta e,

principalmente as preferências das mulheres. Estudou, por exemplo, os estereótipos que a sociedade provocou na fala feminina e constatou estes refletem a consciência coletiva, por sua vez, alimentados por ditos populares, provérbios e histórias cujo conteúdo insiste na mesma ideia: as mulheres falam mais.

Blanco Canales (2004) iniciou uma investigação de análise sociolinguística sobre a fala de Alcalá, cidade da Espanha onde convivem pessoas de origens diferentes. Neste trabalho, instituiu a técnica de medidas diretas, em que o informante não sabe qual a intenção das perguntas a que está sendo submetido. Constatou que, as atitudes linguísticas dos falantes, ora positivas ora negativas, demonstram suas crenças, fato que possibilita avançar em reflexões sobre a mudança linguística, línguas em contato ou aprendizagem de segundas línguas. Concluiu que os informantes têm tendências inovadoras ao mesmo tempo em que demonstram certa resistência diante das variedades desprestigiadas. A compreensão dos processos de mudança linguística, de valoração, de constituição de estereótipos e de como os falantes se comportam em relação à variedade do outro e à sua própria variedade são apontamentos fundamentais para o desenvolvimento dos conceitos de crenças e atitudes, afirma a autora.

Labov (2008 [1972]), ao pesquisar a pronúncia dos ditongos /ay/ (right, white, pride, wine) e /aw/ (house, out, doubt...) na ilha Martha's Vineyard, nos Estados Unidos, interessava-se em saber que variáveis linguísticas e extralinguísticas poderiam intervir na realização da forma centralizada dos ditongos, característica dos habitantes da ilha. O pesquisador constatou que a variação do fenômeno fonético em questão tinha, de fato, raiz social, pois os informantes que desejavam permanecer na ilha preferiam a variante insular e aqueles que pretendiam sair da ilha utilizam uma variação continental.

Feitas as explicações iniciais, apresentamos uma breve contextualização do locus da pesquisa a partir de aspectos geo-sócio-históricos do Estado e dos movimentos migratórios internos no país.

ASPECTOS GEO-SÓCIO-HISTÓRICOS DO ESTADO DA BAHIA

Esta seção traz informações básicas sobre aspectos geo-sócio-históricos do estado da Bahia a fim de auxiliar na análise e entendimento dos dados retirados do corpus. Para tanto, apoiamos-nos na tese de Costa (2007) que trata da migração dos nordestinos ao Sudeste e o seu retorno ao estado da Bahia nos anos de 1991 a 2000.

O Estado da Bahia, localizado no Nordeste do Brasil, é banhado pelo Oceano Atlântico e faz divisa com os Estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Piauí, Tocantins, Goiás, Minas Gerais e Espírito Santo. A história de povoamento do território está subordinada à chegada dos portugueses no Brasil, em 1500, quando se deu o primeiro encontro entre as culturas indígenas locais com europeus.

Salvador foi a primeira capital do Brasil, entre os anos de 1549 até 1763, até a mudança da capital para o Rio de Janeiro. Vale lembrar que, em 1580, a Bahia sofreu uma invasão espanhola e abrigou a terceira maior colônia espanhola no Brasil, com mais de dez mil residentes na cidade de Salvador (IBGE).

O Brasil, incitado por diversos fatores políticos, econômicos e comerciais, sofreu um grande deslocamento demográfico interno. A migração interna mais intensa registrou-se entre os anos 1960 e 1980, quando enormes grupos se deslocaram dos campos, devastados pelas secas e pela falta de alternativa agrícola e políticas sociais na região para as cidades. O rápido processo de mecanização agrícola substituiu o trabalho manual na lavoura por máquinas especializadas e modernas. Isso contribuiu para o êxodo rural, com destaque para o movimento de nordestinos rumo à Região Sudeste.

No fim do século XIX, ocorreu o movimento migratório de nordestinos para a Região Norte, motivado pelo Ciclo da Borracha e pela grande seca que assolou a região. Destaca-se também a movimentação de migrantes nordestinos e sulistas no sentido à Região Sudeste, único polo industrial brasileiro na década de 1970 (Becker; Sindelar, 2017, p. 56).

Importante compreender, igualmente, a migração de retorno baiano, que ocorreu quando as pessoas voltaram para sua região de origem, após ter migrado. Isto ocorreu em toda a Região Nordeste a partir dos anos 1980, com a melhora da economia local.

Esta peculiaridade da migração de retorno brasileira é uma sinalização de que a migração inicial, para boa parte dos retornados foi bem sucedida, visto que durante sua trajetória, o migrante de retorno adquiriu melhor escolaridade, retornando mais apto ao mercado de trabalho em sua terra natal. Neste caso, ele volta com melhor condição de vida, podendo prosperar no seu lugar de origem (Costa, 2007, p. 58).

Os fatores que possivelmente contribuíram para o restabelecimento do indivíduo em sua terra natal foram o alto índice de desemprego da região metropolitana de São Paulo, o crescimento do setor de turismo no Nordeste, além de um maior número de empresas instaladas naquela região (Costa, 2007). Historicamente, esse estado foi o principal destino do contingente de pessoas que deixaram a Bahia em direção a outras regiões do país. Também foram responsáveis pelos movimentos migratórios, projetos de políticas públicas que incentivaram a exploração da borracha na Amazônia e a construção de Brasília, dentre outros.

O Estado de São Paulo responde pelos maiores percentuais da imigração baiana, representando, em 1991 e 2000, o local de destino de mais da metade do total dos imigrantes do Estado. No curso do desenvolvimento nacional, muitos desses baianos voltaram para a sua terra natal (Costa, 2007).

Atualmente, a Bahia é o quarto estado mais populoso do país com cerca de 15 milhões de habitantes (IBGE) e possui uma população predominantemente urbana, formada pelo processo de miscigenação entre brancos, índios e negros. Dispõe de uma ampla infraestrutura logística e economia variada, destacando-se a produção agrícola e a atividade industrial.

Após apresentar os aspectos sociais do estado em estudo, são descritas e analisadas as respostas dos 79 informantes acerca das Questões Metalinguísticas de nº 4 e 5 do ALiB (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise das atitudes linguísticas, baseada nas respostas dadas às questões metalinguísticas 4 e 5 - *Em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui?* e *Poderia dar um exemplo de como essas pessoas falam?*, está embasada no próprio depoimento dos falantes acerca das manifestações de dialetos locais ou externos e as avaliações sobre essas percepções.

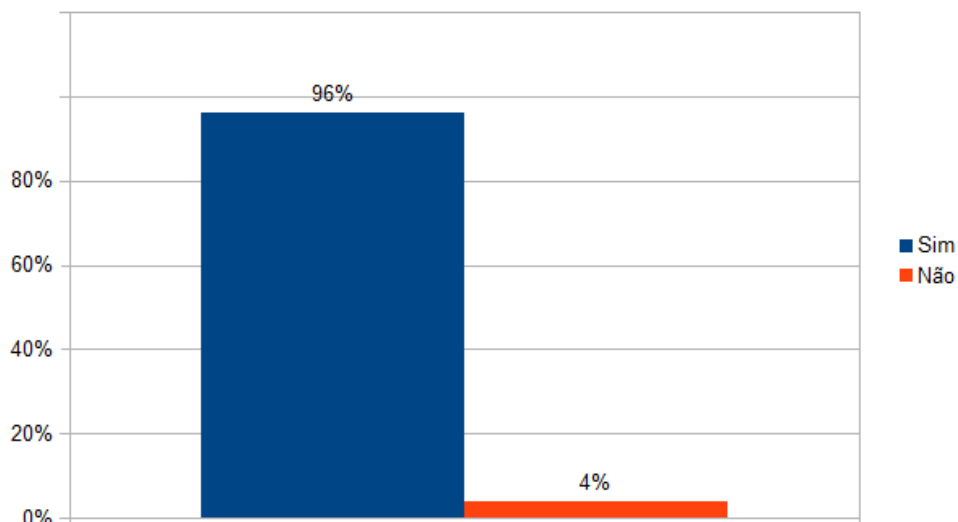
O *corpus* constitui-se de respostas dadas pelos informantes investigados em 21 localidades do interior da Bahia, a saber: Juazeiro (ponto nº 81), Jeremoabo (ponto nº 82), Euclides da Cunha (ponto nº 83), Barra (ponto nº 84), Irecê (ponto nº 85), Jacobina (ponto nº 86), Barreiras (ponto nº 87), Alagoinhas (ponto nº 88), Seabra (ponto nº 89), Itaberaba (ponto nº 90), Santo Amaro (ponto nº 91), Santana (ponto nº 92), Valença (ponto nº 94), Jequié (ponto nº 95), Caetité (ponto nº 96), Carinhanha (ponto nº 97), Vitória da Conquista (ponto nº 98), Ilhéus (ponto nº 99), Itapetinga (ponto nº 100), Santa Cruz Cabrália (ponto nº 101) e Caravelas (ponto nº 102). Em cada localidade foram inquiridos quatro informantes¹, dos quais 42 são do sexo feminino e 42 do sexo masculino,

¹ Para este estudo foram consideradas as respostas de 79 informantes dado que as perguntas não foram feitas para cinco informantes: 1/Itapetinga, 2/Santo Amaro, 3/Itaberaba, 4/Jacobina e 4/Vitória da Conquista.

de escolaridade completa ou incompleta do Ensino Fundamental I e de duas faixas etárias: I - de 18 a 30 anos e II - de 50 a 65 anos. Os dados obtidos foram tabulados com o auxílio de uma planilha eletrônica e filtrados para posterior cruzamento, segundo as variáveis sociais: idade e sexo.

A partir das respostas da Questão 4, elaboramos o Gráfico 1 que apresenta o percentual de reconhecimento de outros falares pelo olhar dos informantes do interior da Bahia.

Gráfico 1 - Questão 4 – Em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui? Reconhecimento de outros falares pelos informantes do interior da Bahia



Fonte: Elaborado pelos autores com dados do Projeto ALiB.

De acordo com o **Gráfico 1**, a maioria (96%) acredita que, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente da localidade em que vive. O baixo índice de negação (4%) pode ser ilustrado pelo excerto 1 extraído da fala do informante da Faixa I de Caravelas:

- (1) INQ. – Nem assistindo televisão você não acha que fala diferente?
INF. – Não.
INQ. - Mesmo nas novelas?
INF. – Mesmo nas novelas (Inf. 1/Caravelas).

As percepções manifestadas pelos informantes associam-se, muitas vezes, aos fatores históricos que apresentamos, sinteticamente, na seção 2. O reflexo das migrações internas pelas quais os baianos passaram pode ser notado na percepção que os informantes tiveram sobre outros falares, conforme os relatos de experiências adquiridas pelos contatos com falantes de outros dialetos intermediados pelo turismo, trabalho, família ou até mesmo pelos meios de comunicação da época, rádio e televisão.

As primeiras impressões sobre a diferença no falar de outrem são constatadas pela grande incidência de respostas ao *sotaque*. Caldas Aulete define o termo como “tom ou inflexão particular de cada indivíduo, de cada província ou de cada nação” (Sotaque ..., 1964). Neste aspecto, *sotaque* refere-se, sobretudo, à prosódia e, provavelmente é assim entendido, como ilustram os depoimentos dos informantes registrados nos excertos 1, 2 e 3.

- (1) INQ. - Muda muito o sotaque, né?
INF. Sotaque, né? De lugar, né? Vamos supor, as pessoas do Brejo, né? Tem um sotaque de fala, né? Tem um modo de falar, da cidade já tem outro, né? (Inf. 3/ Barra).
(2) INQ. Como?
INF.– Não sei. Eu acho que fala diferente porque o sotaque nordestino é muito diferente, como diz Regina Casé, é nordestino mesmo. (Inf. 1/Jeremoabo).
(3) INQ. Você acha que falam diferente em outros lugares do Brasil? INF. – Falam, Salvador mesmo. Salvador, Feira. Já é outro sotaque, né! (Inf. 1/Euclides da Cunha).

Alguns informantes expõem seus julgamentos como não-linguistas, frutos de seu conhecimento intrínseco, sua consciência linguística e se referem a outros aspectos linguísticos para identificar dialetos diferentes, como nos excertos 4, 5, 6 e 7.

(4) INQ. – O pessoal que vai pra São Paulo, né?

INF. – É. Chega de Salvador sempre é outra voz, né? Sempre diferente (Inf. 2/Jeremoabo).

(5) INF. – Não, tem gente que fala assim, num sei, uma fala fina, alguma coisa assim. (Inf. 2/Euclides da Cunha).

(6) INF. – A forma de falar é... A maneira de se expressar (Inf. 3/Euclides da Cunha).

(7) INF. – Tem gente que fala mais arrastado assim, sabe? Fala mais lento, outros falam mais rápido (Inf. 1/Barra).

Podemos sintetizar as percepções dos falantes sobre *sotaque*, constatando que eles o interpretam por meio da voz, do ritmo, da altura da voz, da velocidade e do modo de falar. Trudgill e Campoy (2007, p. 21) entendem que o sotaque remete ao modo como um falante pronuncia e que é praticamente impossível falar uma língua sem revelar sua origem regional ou seus antecedentes sociais.

Ademais do sotaque, constatamos que algumas avaliações podem expressar características negativas ou positivas, que podem ou não vir carregadas de atitudes linguísticas baseadas em crenças sociais e pessoais. Aspectos fonológicos, lexicais e morfossintáticos também são manifestados como exemplos de outros dialetos e, de acordo com sua importância para esta investigação, serão agrupados pelo nome regional que receberam dos falantes.

Corroboramos com a descrição de atitudes linguísticas, proposta por Moreno Fernández (2009 [1998]) como reflexo das atitudes psicossociais. Se as línguas têm um significado social, logo, é natural que sejam apreciadas e avaliadas de acordo com os *status* ou características sociais de seus usuários.

A fim de delinear o panorama dos dialetos citados pelos informantes, elaboramos a Tabela 1, com os dados oferecidos pela Questão 5.

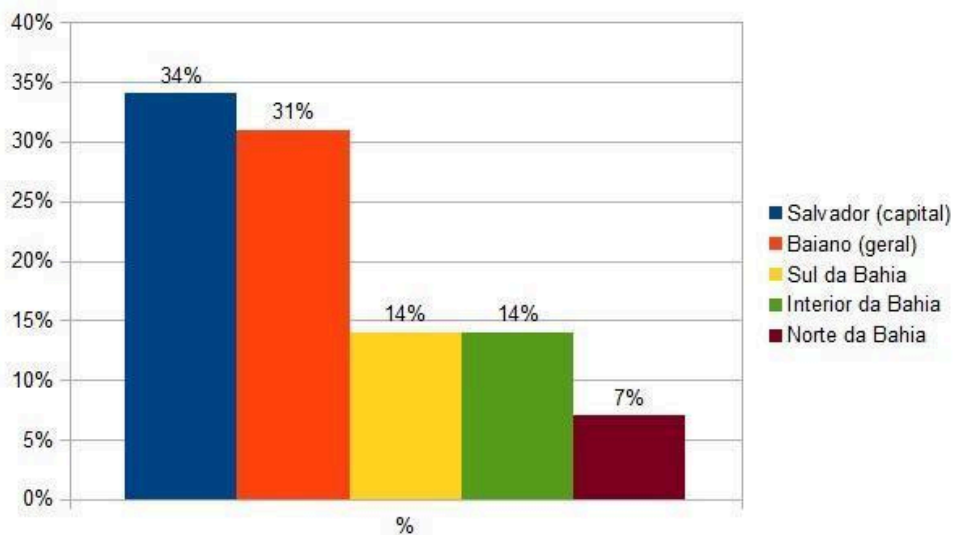
Tabela 1 – Questão 5 – Poderia dar um exemplo de como essas pessoas falam? Dialetos lembrados pelos informantes do interior da Bahia

Dialeto	Incidência	%
Paulista	37	32
Baiano	29	25
Carioca	11	9
Mineiro	8	7
Gaúcho	6	5
Pernambucano	5	4
Paraibano	5	4
Nordestino	4	3
Goiano	3	3
Capixaba	2	2
Outros	7	6
Total	117	100%

Fonte: Elaborado pelos autores com dados do Projeto ALiB.

Verificamos, primeiramente, a percepção dos baianos sobre o próprio dialeto por reconhecem diferenças nas falas de algumas regiões de seu Estado, com menções ao falar da capital e do interior, conforme constam do Gráfico 2.

Gráfico 2 - Falares baianos mais lembrados pelos informantes do interior



Fonte: Elaborado pelos autores com dados do Projeto ALiB.

O Gráfico 2 mostra que o dialeto da capital Salvador dada sua importância no desenvolvimento do país, como centro econômico, cidade portuária, centro administrativo e turístico foi o mais citado (34%), mas este índice está muito próximo dos falares do baiano de modo geral (31%). Outras referências são a fala do Sul da Bahia (14%), do interior da Bahia (14%) e Norte da Bahia (7%). O Estado, por sua vez, desenvolveu o *baiano* (Inf. 3/ Carinhonha), teve seu sotaque e vocabulário construídos conjuntamente ao processo histórico local, desde o início da colonização até as influências de diversos povos, incluindo europeus, indígenas e africanos.

Para entender a relação de contrastes entre a fala da capital e do interior da Bahia, selecionamos alguns excertos que representam os aspectos linguísticos considerados característicos do falar baiano reconhecidos pelos informantes:

(8) INQ.– O pessoal que vai pra São Paulo, né?
INF.– É. Chega de Salvador sempre é outra voz, né? Sempre diferente (Inf. 2/Jeremoabo).

(9) INF. – Ah, quase todas cida...até indo pra Salvador já tem uma grande diferença, né. É... a puxada é diferente, né. [...]
INQ. – Agora, daqui pra Salvador, o quê que o senhor acha de diferente?
INF. – O linguajar?
INQ. – Sim.
INF. – É, é, já tem uma boa diferença, né. Puxa assim um pouco, a gente vê a pessoa da capital falando, aí sente logo a diferença, [...] que eu tenho uma irmã que mora lá e tal.
INQ. – Aí quando ela chega... Ela vem aqui de vez em quando?
INF. – Vem, vem. E aí puxa, aí eu fico dando risada, né. Num é manganão, não, mais a gente sente a diferença é grande no nosso linguajar, né (Inf. 3/Alagoinhas).

(10) INF. Porque em Salvador eles falam “pra lá” é “pá lá”, “pá lá, pá cá”, “pra onde” “pá onde”, “vai pá onde?”, é assim. Cês são de lá é?
INQ. – É.
INF. – [...] Eu acho engraçado, eu acho tão bonito, tem uma pessoa de lá, que ele convive aqui, ele fala mermo jeito, nunca, nunca pegou, o mermo jeito “pá lá e pá cá” (Inf. 4/Euclides da Cunha).

Os excertos 8, 9 e 10 referem-se à fala da capital, Salvador. Os dados sugerem que a variedade de Salvador seja reconhecida por ser *diferente*, pelo *sotaque*, pelo *linguajar*, por ser mais *lenta* e *puxada*. O informante do excerto 8 percebe que aqueles que chegam de Salvador, possuem uma voz diferente.

No excerto 9, o falante tem consciência de que, desde sua cidade Alagoinhas até Salvador, o falar apresenta diferenças na prosódia e no linguajar. Classifica a fala como *puxada*, e usa a locução *a gente* para compartilhar o seu sentimento relativo às diferenças com outros falantes que têm a mesma impressão que ele, naturalmente, reconhece a fala de Salvador. O mesmo informante confessa a não aceitação do falar da irmã que, ao mudar-se para outra localidade, adquiriu certas marcas linguísticas próprias da variedade local e por isso, debocha dela. Pode ser que a reação seja somente voltada ao usuário e não à variedade.

A informante do excerto 10, quando se refere à fala de Salvador, foca na forma sincopada de ‘pra’ > pá, como algo *engraçado* e *bonito* ao mesmo tempo.

Em resumo, a fala de Salvador recebeu dos informantes avaliações positivas e negativas, alguns a consideram uma fala *bonita* e revelaram apreço pela variedade que, por outro lado, também recebeu características como *puxada* e *cantada* com tom de desvalorização.

Dadas as reflexões sobre o falar da capital, analisamos as manifestações sobre o falar do interior da Bahia. A percepção dos informantes do excerto 11 refere-se à fala como *errada*, afirma que o baiano *é o que fala mais errado*, compara-a a outros falares regionais do português que fogem do modelo idealizado de *língua correta*, *normas linguísticas*, à noção de *certo* e *errado* que é difundida pela sociedade e pela mídia. Ao mesmo tempo se autoavalia, ao ser questionado como o baiano fala, responde *assim como eu tô falando*, demonstrando claramente uma desvalorização do próprio falar e a consciência de pertencimento ao suposto grupo que fala errado.

(11) INQ. – E o baiano?
INF. – O baiano, é que fala... é o que fala mais errado.
INQ. – Como é que o baiano fala?
INF. – Assim como eu tô falando (Inf. 3/Juazeiro).

Nota-se que os informantes fazem distinção entre o falar do Norte e do Sul da Bahia. O excerto 12 mostra a percepção do informante dirigindo-se ao sul do Estado, destacando aspectos lexicais como: *oxe* e *bichinho* para contextos informais de comunicação. Observa, também, a diferença de sotaques com a consciência de que cada lugar citado (Goiás, Minas Gerias, São Paulo, Rio Grande do Sul e Região Sul), tem suas características em virtude das possibilidades de variação dos elementos do seu dialeto. Ao afirmar que em sua localidade falam *o português nosso mesmo*, o informante confere ao seu falar uma atitude de prestígio e pertencimento à comunidade a qual faz parte, valoriza sua forma de falar.

(12) INF. – Na própria Bahia, lá de baixo, às vezes tem uma coisa de *oxe*, *oxe*, *oxe*, e aí *bichinho*? Como vai *bichinho*? A gente, às vezes, fala por causa da..., às vezes conhece uma pessoa assim, então na amizade com proximidade ta falando, mas o sotaque nosso é um sotaque diferente, porque num comparo com Goiás, nem com Minas, nem com São Paulo, nem com Rio Grande... nem com o Sul todo, porque tem uma diferença, o Sul é todo pendente a estrangeiro e aqui a gente, aqui a gente não, é o português nosso mesmo (Inf. 3/Santana).

O excerto 13 trata da manifestação do informante que supervaloriza a língua que fala, numa demonstração de prestígio linguístico ao nomear seu próprio dialeto, o *baiano*. Moreno Fernández (2009 [1998], p. 189) explica tal atitude como um processo de concessão de estima e respeito a indivíduos ou grupos que atendem a determinadas características e que leva à imitação dos comportamentos e crenças desses indivíduos ou grupos.

(13) INQ. E o senhor acha que tem gente que fala diferente aqui em Carinhanha?
INF.- Não. O português aqui tem, tem alguns aqui ... não, aqui não, é difícil. Aqui não...
INQ.- O senhor não fala...
INF.- É... só a língua baiana mermo. O baiano, a língua portuguesa. (Inf. 3/ Carinhanha).

No caso do excerto 14, o informante manifesta várias atitudes ao avaliar o dialeto baiano, classificando como uma fala *meio arrastadozinha*, *cantada* e *arrastada*. Fez um julgamento pessoal dando ao baiano a qualidade de *gaiato* (brincalhão) para justificar as falas anteriores.

(14) INQ. Que outros lugares o senhor acha? O senhor já viajou, que outros lugares o senhor acha que fala diferente daqui?
INF.- Até o baiano fala meio arrastadozinho.
INQ.- É? [...]
INF.- Uns fala meio cantando, né? Arrastado as palavras. Baiano é meio gaiato.

Marroquim já havia constatado o aspecto cantado e arrastado na fala do nordestino em geral. Em suas palavras: “a entonação do falar nordestino, no interior, principalmente, segue uma orientação descendente. As vogais são marcadas e abertas. Daí a fama de falarmos *cantando*”. “A pronúncia do nordestino é a que caracteriza em geral o falar brasileiro: é demorada, igual, digamos mesmo *arrastada*, em contraste com a prosódia lusitana, áspera e enérgica” (Marroquim, 1934, p. 21-25).

A informante do excerto 15 verificou, primeiramente, aspectos prosódicos como fala *tonta*, povo que *canta*, mas, também destacou o aspecto lexical do termo *sandáia de venta*², aspectos fonéticos da iotização em *sandaia* e monotongação e síncope do /r/ em *quebrou*>*quebô*. O depoimento da informante manifesta desvalorização em relação ao falar baiano do interior, demonstrando preconceito linguístico pela variedade de Feitiolândia, vejamos:

(15) INF. – Minha filha mesmo mora na Feitiolândia. É o lado de...Queimadas. De Feira de Santana, o lado lá de Queimadas. Mas a fala do pessoal de lá é uma *fala tonta*, «num sei o

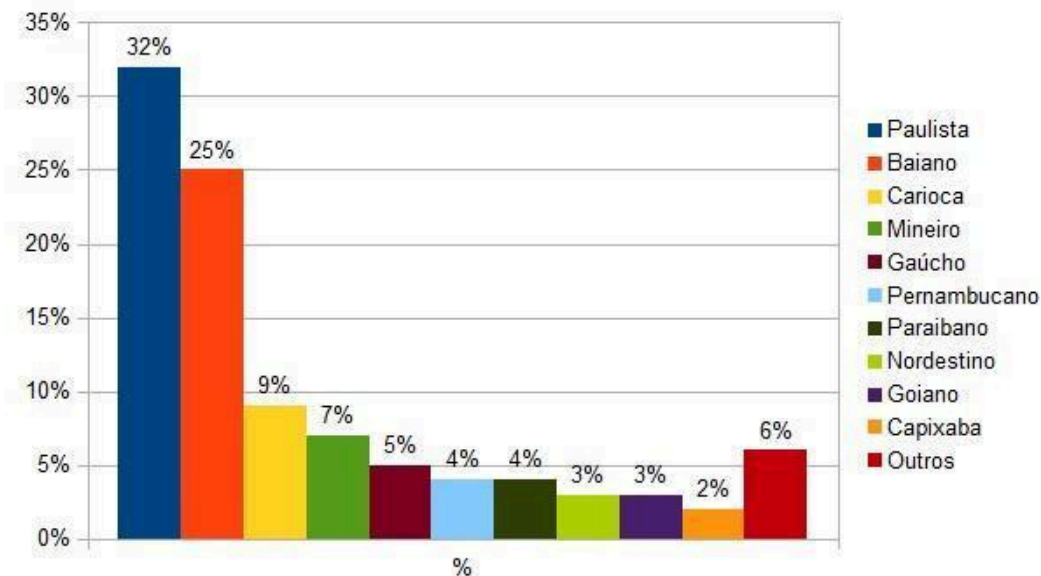
² Refere-se à sandália feminina com correias. Em espanhol: sandalia de venta.

quê... », é uma fala assim diferente. Eu nem aprendi, que é uma fala bem diferente. Povo *canta*. Sandália, eles chamam *sandáia*. Aquela sandália de, de *correia* eles diz que é sandáia de venda. Bem assim. Diz que é de venda. *Iss'aqui chama venda*. Óia! ? A sandáia de venda. “Dih fulano que a sandáia de venda quebô (Inf. 4/Jequiê).

Após a apresentação das percepções dos informantes sobre as falas de Salvador e do interior, prosseguimos com os dialetos externos à Bahia, dos quais se destacam os dialetos paulista, carioca, mineiro, gaúcho, pernambucano, paraibano, nordestino, goiano e capixaba.

Sintetizamos em formato gráfico, os dados da Tabela 1, com percentuais dos principais dialetos apontados pelos informantes.

Gráfico 3 – Dialetos mais lembrados pelos informantes do interior da Bahia




Fonte: Elaborado pelos autores com dados do Projeto ALiB.

Os dados acusam que o dialeto mais lembrado foi o paulista (32%), seguido pelo próprio baiano (29%), carioca (9%), mineiro (7%), gaúcho (5%), pernambucano (4%), paraibano (4%), nordestino (3%), goiano (3%) e capixaba (2%). A categoria *Outros* engloba aqueles que tiveram apenas uma incidência, como o alagoano, sergipano, maranhense, brasiliense, paranaense, cearense e cigano.

Os resultados recorrentes no Gráfico 3 trazem influências da geografia local, as fronteiras com os Estados de Pernambuco, Goiás, Minas Gerais e Espírito Santo facilitam o contato entre as variedades. Os índices elevados dos dialetos paulista, carioca e gaúcho, podem ter ligações com os movimentos de migração em massa do século XX, devido ao declínio da economia do Nordeste e fortalecimento industrial das metrópoles do Sudeste. Porém, nos anos 1990, com a implantação de políticas de incentivo ao crescimento das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, e pela construção de Brasília, torna-se crescente o interesse em migrar do Sul e do Sudeste para estas regiões.

Os dados do *corpus* mostram que os informantes apontam o dialeto paulista (32%), como o mais lembrado por ser diferente, dono de um sotaque *paulistinha* (Inf. 1/Euclides da Cunha), *cantado* e *puxado*. Além das características prosódicas constatadas, há apontamentos na fala paulista que incluem diferenças fonéticas, lexicais e o uso de gírias.

A variável fonética mais presente é a do /R/, em especial o /, manifestada no excerto 16:

(16) INQ. - Como é que o pessoal de São Paulo fala?

INF. - É uma fala assim, meio estranha. [...] Não fala igual à gente, é diferente a fala deles...
INQ. - Eles falam porta?
INF. - É porta [ícone de celular] [ícone de casa] [ícone de porta] [ícone de casa] [ícone de celular] INQ. - É porta [ícone de celular] [ícone de casa] [ícone de porta] [ícone de casa] [ícone de celular], né?
INF. - Carne [ícone de celular] [ícone de casa] [ícone de porta] [ícone de casa] [ícone de celular] (Inf. 4/Barra).

Além de aspectos fonéticos, diferenças lexicais foram apontadas, conforme o excerto 17.

(17) INF. – São Paulo, São Paulo mesmo, umas coisas lá é um nome que.... eu mesma quando eu fui morar com essa minha prima, [...] às vezes ela falava: “Pegue isso aqui pra mim”, aí que ficava sem saber o que era. Eu: o que é isso? Por exemplo, **quiboa** (=Qboa), né? *Água sanitária* de colocar em roupa, ela é cândida: “pega a **Cândida**”, e eu: o que é isso? E ela: “Menina, aqui você chama quiboa (=Qboa), né? mas é Cândida. Aí, eu pegava... (Inf. 2/Juazeiro).

Vale lembrar que, em São Paulo, a marca mais comum para o produto água sanitária é Cândida, enquanto que a informante baiana prefere usar o termo Qboa, que pode ser a marca mais conhecida em sua região, para referir-se ao mesmo produto.

Outras percepções dizem respeito às gírias paulistas, como comprovam os excertos 18 e 19:

(18) INQ. – Como é assim o jeito paulista? você sabe imitar?
INF. – Sei lá, tem uns que falam, “sei lá mano, não sei o quê” (Inf. 1/Seabra).

(19) INQ.- O que você ouvia lá em São Paulo que lhe chamava mais atenção?
INF.- Eles falam: Meu, não sei quê... meu, tudo bom? Como é o falar paulista (Inf. 1/Vitória da Conquista).

As palavras *mano* e *meu* são utilizadas como vocativos num contexto de gírias, tanto para homens quanto para mulheres, jovens e adultos, em ocasiões informais.

(20) INQ. – E **São Paulo**, Rio de Janeiro, o povo fala **diferente**?
INF. – Ah, fala.
INQ. – Fala?
INF. – Aquele voz **antipaticazinha** (Inf. 4/Alagoinhas).

(21) INQ.– É, né? E seu marido, ele é de lá se **São Paulo**, não? [...]
INF.– Mais de cinquenta anos que ele mora lá. Agora veio, tem dez anos que ele tá morando aqui. [...] mas hoje ele tá uma pessoa bastante *civilizada*, eh... ele não fala coisas *erradas*, *fala tudo certinho*, né? a pronúncia certa, tudo certinho (Inf. 4/Itaberaba).

(22) INF. – Às vezes tem assim, que nasce e cria aqui e vai pra **São Paulo**, eu mesmo tenho sobrinha que quando... Fica lá um tempo, quando vem aqui que fala diferente.
INF. - Uma prima minha que foi pra lá e fala essas línguas diferentes, a *gente fica tudo rindo da cara dela*.
INQ. – Fala que coisas diferentes. INF. – Fala com aquele sotaque deles lá. (Inf. 4/Caetité).

Os excertos 20, 21 e 22 manifestam atitudes negativas ao dialeto paulista. Na percepção destes informantes, a fala paulista é *antipaticazinha*, *puxada* e *diferente* ao ponto de dar risada. Tal comportamento expressa desprestígio, principalmente àquelas pessoas que foram para São Paulo e voltaram para a Bahia, adquiriram marcas do dialeto e são constrangidos por isso, a Inf. 4 de Itaberaba afirma que o marido está civilizado, depois que perdeu o costume de falar errado, algo, segundo ela, que veio de São Paulo. Destacamos o excerto 21 pela comparação feita entre as variedades, julgando existir uma *certa* e outra *errada*, sem valorizar a diversidade e o contexto sócio-histórico e cultural dos dois estados.

Depois do paulista e do baiano, o mais lembrado foi o dialeto carioca (9%). De acordo com a percepção dos informantes, a ele foram atribuídas as seguintes características prosódicas provenientes de seu sotaque: falar *cantado*, *arrastado*, *chiado*, *puxado* e *parecido ao dos portugueses*. O Rio de Janeiro, enquanto capital federal, recebeu sucessivas levadas de imigrantes, incluindo os portugueses os quais deixaram ali muitas de suas marcas linguísticas, a exemplo do falar chiado que podemos verificar pelo excerto 23, que se trata do uso da fricativa palatoalveolar surda [ʃ] em final de sílaba:

- (23) INF. – É como o carioca o carioca é o “chi”.
INQ. – O “che”, né?
INF. – O “che”, o carioca tem um “che”.
INQ. – Qual a palavra que o senhor ouviu eles falarem que tem bastante chiado?
INF. – É... É o “chi” mesmo, “chi”. [...] Vai falar “rapaz” fala “rapaix” (Inf. 3/Euclides da Cunha).

O dialeto o mineiro apresenta *linguajar diferenciado* conhecido pelo informante através de familiares que vivem no Estado de Minas Gerais e por isso, aprenderam o *linguajar*, como podemos observar pelo excerto 24. Já, no excerto 25 foi lembrada a expressão “uai”, símbolo da linguagem mineira, utilizada em diversas situações informais para exprimir desde espanto até em casos de afirmações. Amadeu Amaral (2020) propõe como origem para a expressão *uai*, como alteração de “olhai”.

- (24) INQ. – Não, de outros lugares? [...] Minas. Que eu tenho familiar em Minas, né, irmã e sobrinho e tal, já fica aprendendo aquele linguajar (Inf. 3/Alagoinha).

- (25) INF. — Daqui só tem o estado de Minas que é diferente daqui.
INQ. Como é lá?
INF. — Tem um modo de falar *uai* e nós aqui não tem não (Inf. 3/Itapetinga).

Os dados obtidos sobre o dialeto gaúcho apontam para as percepções do sotaque, para as variedades lexicais e para o uso da expressão *tchê*, conforme ilustram os excertos 26 e 27:

- (26) INQ – Como assim? ...uma palavra que eles (gaúchos) falam assim muito?
INF – Eles chamam as baianas de *bausca*. É... bausca. É, fala *bonita* é a deles (Inf. 4/Barreiras).

- (27) INQ.- Tem outros exemplos?
INF.- Gaúcho. “E *guria* isso é farofa? Não isso é *feijão-tropeiro*. Hum, muito bom, *tchê!*” (Inf. 2/Santa Cruz Cabralia).

Verificamos, a partir do excerto 26 e 27, a presença de variantes lexicais pelo uso de baiana por *bausca*³ e menina por *guria*; o aspecto cultural através da culinária *feijão-tropeiro* e o uso da expressão *tchê*. E, por fim, um caso de agradabilidade pelo dialeto gaúcho, considerada bonita pela informante do excerto 26.

Para a fala de pernambucano foram apresentadas diferenças prosódicas e fonéticas, como a *voz mais castigada*, possivelmente atrelada à história do povo nordestino, conforme consta no excerto 28. Já a informante do excerto 29 recorda a não palatalização de /t/ e /d/ diante da vogal /i/ e /e/, e monotongação de io>o:

- (28) INQ. Quem fala diferente? INF.– O povo de São Paulo porque, uma que eles têm uma fantasia assim, já são um povo tudo graúdo [...], Pernambuco já tem aquela *voz mais castigada* (Inf. 3/Barreiras).

- (29) INF.- Sim, com certeza. Eu tenho uma colega que mora em Pernambuco ela fala assim: *tire o negossu dali de cima, vá!*(Inf. 2/Santa Cruz Cabralia).

³ Guasca.

O dialeto paraibano, acompanhado do pernambucano, faz o uso da variante “tu” e a ditongação de *vem* > *veim*, conforme a percepção do informante mostrada no excerto 30. O uso do pronome *tu* é recorrente em algumas localidades do Brasil, a informante traz à tona um contraste entre as variantes *tu* e *você* em posição de sujeito, primeiramente sem a flexão verbal em segunda pessoa e, logo em seguida, com o verbo flexionado. Acrescenta o não uso da variante *tu* em sua localidade, talvez por preservar algumas influências portuguesas no linguajar.

(30) INF. – Não, por exemplo, pernambucano, paraibano, né? É tu “tu vai? Tu vais?, *Veim* cá! Tem duas maneiras do *tu* e tal, que não são jeremoabense (Inf.4/Jeremoabo).

O dialeto nordestino, como referência genérica, na visão do informante da faixa II de Vitória da Conquista, tem seu modo de falar, representada por meio de uma pronúncia *segura*, que *segura na voz*, ilustrado no excerto 31:

(31) INQ.- E o senhor sabe algum fato assim que chame a atenção dessa diferença? Que lhe chame a atenção.
INF.- Veja bem: primeiro de tudo, as... suponhamos a língua do nordestino porque ele segura muito na voz dele, na pronúncia dele, tá vendo? Então, aquilo, quer dizer...
INQ.- É diferente.
INF.- Pra nós é... que eles seguram muito, eles prendem muito, né? (Inf. 3/Vitória da Conquista).

A visão da informante da faixa II, de Santana, sobre o dialeto goiano, considera o sotaque feio e com erros. O rotacismo de *plano* é rotulado como forma errada de falar, conforme exposto no excerto 32:

(32) INF. [...] a Terezinha sempre achava ruim, falava assim, “ó Maria do Carmo a gente fala de um jeito que você tá criticando aí, mas a gente fala as coisas correto, e você, lá de Goiânia, você além de ter o *sotaque feio*, você fala tudo *errado*. Plano é *prano*. Do jeito que você fala é prano (Inf. 4/Santana).

Verificamos um caso de preconceito linguístico, reação negativa à variedade praticada pela goiana e demonstração de desagrado ao sotaque regional. Lambert e Lambert (1968, p. 91) sugerem que a tolerância e o preconceito são mais do que meios aprendidos de reagir a grupos específicos; mais provavelmente, são traços da personalidade.

O dialeto capixaba foi lembrado por falar *puxado*, conforme relata a informante do excerto 33. Além disso, constata como a fala do capixaba é diferente ao ponto de outras pessoas não conseguirem entender a variedade.

(33) INF. – Tem os capixabas também que eles há um tempo, mas a língua deles também é um pouco puxado. INQ. – Como é a diferença da língua deles? INF. – Eu não sei lhe dizer é um jeito diferente deles falar com a pessoa que não dá nem pra pessoa entender (Inf. 2/Itapetinga).

Procuramos, por meio desses excertos, demonstrar algumas percepções e atitudes dos falantes baianos ao analisarem os dialetos encontrados na capital, no interior baiano e nos demais estados e regiões brasileiras.

No que se refere às variedades analisadas, verifica-se, com relação ao dialeto paulista, maior contato entre os falantes dentro de um intercâmbio de experiências pessoais e, por isso, maior conhecimento da variedade como consta em alguns depoimentos.

CONCLUSÃO

O artigo analisou as respostas dadas pelos informantes do interior da Bahia relativamente às Questões 4 e 5 do questionário metalinguístico aplicado pelo ALiB, com o objetivo de conhecer o que pensam os informantes do interior da Bahia sobre as variedades da língua portuguesa e discutir as atitudes linguísticas reveladas no corpus.

No geral, a percepção linguística apontada pelas análises apresenta mais aspectos ligados à prosódia. As características vinculadas ao falar diferente, em grande parte das respostas, demonstram certa sensibilidade ao sotaque, já que este reúne em si aspectos fonéticos e fonológicos que colaboram para a percepção do informante sobre os dialetos locais e de outras regiões. Os dados revelaram que os dialetos mais lembrados foram o paulista e o baiano. Verificamos aqui traços das migrações nordestinas para São Paulo e o posterior retorno ao seu Estado, conforme ilustrado na seção 2. Em seguida, foram mencionados os dialetos carioca, mineiro, gaúcho, pernambucano, paraibano, nordestino, goiano, capixaba e outros de menor incidência.

A cada dialeto lhe foram dadas características para traduzir como as demais pessoas falam diferente. A diversidade linguística pode ou não ser encarada de forma positiva, as atitudes que as acompanham variam entre prestígio e desprestígio, lealdade e deslealdade, orgulho e preconceito linguístico.

Este trabalho revelou a identificação dos informantes baianos com o próprio falar, principalmente no que diz respeito à prosódia, a lembrança da fala de Salvador, por ser capital, por ter mais oportunidades no geral, mas não a do interior, pois alguns acreditam que lá as pessoas falam errado e, por isso, perpetuam os preconceitos linguístico e social. Eles têm consciência de que a variedade linguística existe e faz parte de contextos regionais diferentes, mas ainda toma como referência uma concepção de “erro”, ao se referirem ao próprio dialeto e aos demais.

Esperamos que os estudos sobre atitudes linguísticas possam conscientizar os falantes, de modo geral, sobre a existência das variedades da língua portuguesa e seus contextos de uso, no sentido de valorizar sua história e seu modo de falar assim como, dos falantes de outras variedades.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2020 [1920].

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

BECKER, A. B.; SINDELAR, F. C. W. A migração para o vale do taquari/RS: análise dos determinantes e expectativas dos migrantes. In: *Migrações históricas e recentes*. Lajeado: Ed. da Univates, 2017.

BLANCO CANALES, A. Estudio de actitudes y creencias lingüísticas en Alcalá de Henares. Su aportación al análisis sociolingüístico de los datos. In: *Discurso y Sociedad: Contribuciones al Estudio de la Lengua en Contexto Social*. Alicante: Universitat Jaume I, 2006.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO S.S.C. (orgs.). *DOCUMENTOS 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2013.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSTA, C. C. R. C. *A migração de retorno para o Estado da Bahia: uma análise demográfica espacial 1991-2000*. Dissertação de Mestrado. PUC-Minas: Belo Horizonte, 2007.

GARCÍA MOUTON, P. *Cómo hablan las mujeres*. Madrid: Arcos Libros, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/espanhois/o-imigrante-espanhol-no-cotidiano-urbano-brasileiro.html>>. Acesso: 19 fev 2022.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística*. 2 Ed. Editorial Gredos AS. Madrid, 2015 [1993].

MARROQUIM, M. *A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

TRUDGILL, P. CAMPOY, J. M. H. *Diccionario de Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 2007.